

PAULO FREIRE:

Utopias e Esperanças

Mario Sergio Cortella (PUC-SP) – cortella@uol.com.br

Há uma recusa em referir-se ao professor Paulo Freire no passado. Sempre, quando o mencionamos, tropeçamos ao utilizar os verbos no passado, o que denota exatamente a nossa convicção em relação ao amanhã e a um dia como hoje: a impossibilidade de deixar a obra, o trabalho, a vida, a amorosidade de Paulo Freire num tempo verbal que já foi. Por isso, cada vez mais se pensa na ausência/presença de Paulo Freire.

Não é por acaso, que uma parte das pessoas utilize várias vezes a expressão “memória de Paulo Freire”. Falar sobre ele é uma forma expressiva de comemoração, isto é, de memorar junto. De trazer a memória de novo. Cuidado, muitas vezes se utiliza a noção de memória ou de comemorar apenas e tão-somente no sentido de festejar. Não é verdade, há muitas maneiras de comemoração. Não se deve, obviamente, identificar comemorar com festejar. Uma das formas de comemoração é a comemoração festiva. Há comemorações que não são festivas como, por exemplo, algumas cerimônias em relação a atos de violência ou agressividade numa sociedade. Ou em relação à morte de alguém também se faz a comemoração. No entanto, um dia como hoje é, para nós, um dia de comemoração festiva.

Afinal de contas, a nossa idéia de saudade é uma saudade que se encarna na nossa prática, no nosso desejo, na nossa capacidade amorosa. Como deve ser recuperado, é uma saudade que se apresenta. Esse apresentar-se da saudade não é uma mera figura simbólica. Ao contrário, comemorar é, antes de mais nada, celebrar. Por isso o dia de hoje é também uma celebração, algo que se deseja que fique célebre, que fique na nossa história, que nós consigamos fazer, sim, desse dia não só uma

Debates em Educação

homenagem, mas, um reavivamento, uma revitalização das nossas convicções, das nossas crenças, dos nossos compromissos políticos e, em última instância, da nossa atividade pedagógica como sendo uma atividade existencial. Por isso, é celebração.

Se é comemoração e é celebração, hoje é também um dia de confraternização, Aliás, um dos nomes que se utiliza para uma celebração, uma comemoração, é exatamente esse: confraternizar. Por mais que essa palavra eventualmente carregue hoje um sentido até cínico, mas confraternizar é ficar com os fraternos. É ficar com os irmãos e irmãs. A palavra irmão, hoje, ganha às vezes uma conotação cínica: “E aí meu irmão?”, “E aí, ‘bro’”. Como se fosse apenas uma saudação, a noção do mano, em espanhol, que se usa também em português. Vez ou outra, essa idéia fica um pouco fluida. Mas a palavra “irmão” e “irmã” tem um sentido muito mais forte porque todo o trabalho, toda a obra prática e teórica de Paulo Freire é uma obra de confraternização.

Ele trabalha fortemente na história a idéia de fraternidade humana. Afinal de contas, ao falar de oprimido, desejava que não existisse oprimido, para que nenhum homem ou mulher se colocasse num patamar inferior ao outro, dado que a noção de irmão e de irmã pressupõe uma igualdade de dignidade e de existência. Quando Paulo Freire fala em liberdade, ele está preocupado o tempo todo em que a gente tenha a fraternidade como o nosso modo de convivência.

Talvez a prova mais contundente da vitalidade de Paulo Freire seja o fato de que os homens e as mulheres nos reunimos e dizemos **não** à ausência dele. O modo de dizermos não à ausência dele é a nossa presença

Em maio de 2007, quando se passaram 10 anos da morte do corpo dele, alguém me perguntava: “Qual é a sua posição sobre os 10 anos sem Paulo Freire?” E eu dizia o óbvio: não há e não haverá ano algum sem Paulo Freire na medida em que a obra, a atividade, o trabalho, o resultado, a impregnação do dia-a-dia que ele produziu está conosco.

É claro que, quando olhamos a palavra “memória”, ela muitas vezes nos remete para algo que já foi, mas não quando se mantém essa vitalidade dentro da obra. Paulo

Debates em Educação

Freire imaginaria, cada vez com mais força, que a presença dele se dá porque nós todos e todas continuamos e não desistimos.

Muitos (ainda bem) recusam-se a supor que seja possível em algum momento referir-se a Paulo Freire apenas como um passado. Ao contrário, a projeção que se faz é de um Paulo Freire presente, com essa presença talvez colocada na nossa própria presença, como obra coletiva.

Dentro da nossa sociedade há uma palavra de que eu gosto demais, que se usa muito mais na área da periferia social e econômica do que nas outras áreas da cidade. É uma palavra forte no dia-a-dia da periferia, que é quando as pessoas se juntam para construir uma obra. É muito comum, o pessoal se juntar no sábado – com um churrasco, cerveja – para levantar uma laje. Essa laje é levantada por todo mundo junto. Esse levantar da laje junto termina sempre com festa. O que, aliás, é um princípio religioso. Leonardo Boff costuma dizer que é uma forma religiosa a festa, Jesus queria a festa. Foi por isso que Ele transformou a água em vinho, e não o contrário. Essa é uma fala clássica do Leonardo Boff.

Esta idéia da festa, de juntar-se, de comemorar depois de se levantar uma laje, ela ganha um nome na área periférica que é “bater laje”. Parece até uma coisa francesa, um ar mais sofisticado: “Aonde você foi? Fui a uma ‘batelaje’”. Mais ou menos como ir a um vernissage. A burguesia vai ao vernissage e o povão vai à “batelaje”...

E nessa “batelaje” se dá um nome que eu acho muito gostoso: mutirão. Assim como o dia de hoje é um mutirão. A palavra “mutirão” tem origem no idioma tupi. A nação tupi usava a palavra “mutirão” para o trabalho que é feito junto. E a expressão em tupi vem da junção de duas idéias: a noção de *tiron*, que significa “junto” e *po*, que é “mão”. Por isso, a noção de *potiron* é a noção de mãos juntas. E daí que vem para nós a noção de mutirão. Paulo Freire é o grande inspirador deste mutirão. Homens e mulheres que se juntam no dia-a-dia e na história para construir uma outra realidade. Para fazer o ***inédito viável***.

Debates em Educação

No dia 03 de maio de 2007 foi inaugurada, dentro do campus da Universidade Católica de Brasília, uma esquina, com placa e tudo, chamada Inédito Viável, em homenagem a Paulo Freire. Para que as pessoas dali pudessem sentar-se nos banquinhos na esquina e pensar o futuro. Porque a noção de esquina é muito forte para nós. Paulo Freire usava muito essa expressão da esquina, ele gostava muito de falar da esquina da briga. Aliás, ele dizia que há uma briga na vida que vale a pena ser brigada: a briga pela dignidade coletiva. E dizia ele: “Cada um de nós briga numa esquina”. Lembra daquela história da briga da esquina? “Te pego lá na esquina, te espero na esquina”? Ele dizia cada um de nós briga numa esquina. Você briga na esquina da escola pública, o outro briga no núcleo de trabalhos comunitários, o outro briga na universidade, a outra briga na escola privada, o outro briga na ONG, o outro briga num teatro. Paulo Freire dizia: “Na vida, você pode até mudar de esquina, o que você não pode mudar é de briga”. E essa briga é, evidentemente, a briga pela dignidade coletiva. Por isso que na UCB há uma esquina com plaquinha em que está escrito: “Esquina Inédito Viável”.

Qual é o inédito viável? Sem ser excessivamente piegas nisso, juntando as mãos, sejamos capazes de colocar a possibilidade de construir essa obra, o futuro, que ofereça dignidade coletiva, amorosidade partilhada e, ao mesmo tempo, esperança.

Esse foco no “inédito viável”, aquilo que ainda não é, mas pode e deve ser, na visão freireana tem como única possibilidade o *potiron*.

No entanto, há um elemento que ele não expressava, e que penso que cabe refletir: a presença do **feminino** como atitude ética, pois o feminino (que não é exclusividade das mulheres) é a incapacidade de desistir. Em outras palavras, o feminino, como a maximização do cuidado e da proteção, origem na nossa biologia evolutiva de uma característica que a fêmea humana nos primórdios portava mais que os machos: cuidava da cria, vigiava contra os predadores e colhia coisas da natureza.

Nós, homens, formados como caçadores (tá lá o bicho, vai atrás do bicho, pega o bicho e traz o bicho), homens, somos mais “práticos”. E nem sempre o prático é certo, muitas vezes o prático é só o prático.

Debates em Educação

É mais prático dar escola para as crianças em vez de fazer a educação de jovens e adultos. Neste país, já se propôs várias vezes que se deixassem os adultos sem alfabetização porque a natureza ia resolver o problema e você alfabetiza as crianças. É mais prático, mas nem sempre o prático é o certo. É mais prático fazer com que as pessoas continuem no modo de vida como estão, quem sabe, menos conscientes de sua própria realidade. “Para que, além de alfabetizar alguém, dar a ele consciência?”, “Para quê? Para ele passar a sofrer?”, “Para ele, além de sofrer, saber por que sofre?”. É mais prático, mas não necessariamente é certo. E uma das coisas que Paulo Freire sempre fez foi recusar aquilo que era apenas prático, sem necessariamente ser certo. Razão pela qual, desse ponto de vista, o feminino nele veio à tona. Paulo Freire era um homem extremamente feminino, tal como Mahatma Ghandi, Nelson Mandela, Chico Xavier, Florestan Fernandes.

Esse feminino não tem, evidentemente, conotação sexual, e sim de atitude persistente e amorosa, incapaz de abandonar o que merece vitalidade.

Eu tenho um exemplo pessoal. Na minha casa, somos originalmente cinco pessoas: três homens e duas mulheres. Janete, com quem sou casado, eu e mais três filhos, André, Ana Carolina e Pedro. A Carol quando tinha 15 anos trabalhou num pet shop em São Paulo. Isso faz 13 anos, e era moda nos pet shops, além dos animais usuais, ter bichos mais exóticos: lagarto, cobra, essas coisas. E um dia, uma quarta-feira, ela chegou em casa na hora do almoço e falou:

– Pai, a coelha que está lá, está prenha. Ela vai ter coelhinhos.

– Ah, que legal.

No outro dia, quinta-feira, ela chegou e falou:

– Pai, a coelha teve 15 coelhinhos.

– Que bom.

– Só que aconteceu uma coisa estranha. Ela recusou os coelhinhos, ela não está amamentando.

Quem é do interior, como eu, na hora já entendeu. Falei assim:

Debates em Educação

– Alguém mexeu no ninho?

– É, a gente até ajudou, a gente limpou o ninho para ela.

Claro, boa vontade. Por isso, cuidado. Paulo Freire nos ensinou que não basta amorosidade, tem de ser uma amorosidade competente. Porque a amorosidade que não é competente é mera boa intenção e, muitas vezes, o desastre é grande. Não basta ter amorosidade. Não basta gostar, tem de gostar sabendo fazer. Isto é, tem de dar competência à amorosidade. Não basta falar numa pedagogia do amor que não carregue a competência e a formação. Porque, do contrário, ela fica apenas no plano das intenções. Para isso, o amor, insisto, é necessário, mas ele não basta. Tem de ser um amor que carregue competência. E toda a amorosidade da Carol naquele momento não foi suficiente. Faltava a ela uma informação competente. Eu falei:

– Olha, filha, vai acontecer o seguinte: há vários animais, entre eles coelhos, que, quando têm coelhinhos, se alguém mexer no ninho, eles matam ou rejeitam. Então, eles vão morrer.

E aí os outros dois homens em casa falaram:

– É, eles vão morrer.

E as duas mulheres disseram juntas:

– Não vão.

Nós, os machos, falamos:

– Eles vão morrer, é óbvio que vão.

Elas disseram:

– Não vão.

O meu filho Pedro ainda falou uma coisa prática, de homem:

– Olha, já que vão morrer, aproveita e dá eles pros lagartos. Que, aliás, é o que eles comem mesmo.

Debates em Educação

É uma coisa prática. Mulheres não pensariam nisso. Mas nós, homens, pensamos: “Já que vão morrer mesmo, aproveita e dá para os lagartos”.

Elas falaram:

– Não vão.

Nós falamos:

– Vão.

O que elas fizeram? Trouxeram os 15 coelhinhos para casa. Pegaram caixas grandes, alugaram aquelas tomadas com pedra aquecida, tomaram emprestadas aquelas bolsas de água quente e ficaram três dias e três noites amamentando aqueles coelhos. Três dias e três noites com seringa de injeção e leite. Quando elas estavam amamentando o terceiro, o primeiro já queria mamar de novo, porque a coelha tem uma estrutura, um “hardware” equipado para fazer os 15 ao mesmo tempo. Três dias e três noites, a Janete pediu licença do trabalho, a Carol parou de ir a escola e ficaram amamentando aqueles coelhos. A gente só passava pelo quarto de vez em quando, olhava para dentro e falava: “Vão morrer”.

Três dias e três noites e morreram os 15.

Quando conto isso, ouço muito, em soprano ou contralto, a expressão de lamento “aaahhh”, sempre pelas mulheres. Sabe por quê? Porque nós, homens, sabíamos que iam morrer. Nós somos práticos. E quando os 15 morreram, o que nós, homens, falamos:

– Estão vendo, nós não tínhamos avisado?

E as duas falaram:

– A gente não podia deixar. A gente não podia não tentar.

Debates em Educação

O feminino é a incapacidade de desistir, o feminino é a incapacidade de achar que as coisas são como são e não há outro modo de elas serem. O feminino é a impossibilidade de admitir que as coisas não tenham alternativa.

Afinal de contas, qual é a primeira palavra que um ser humano é capaz de dizer e de entender? “Não”. Você vai com a mamadeira e ele diz: “Não”. Você põe na boca, ele cospe. Você quer levar a criança e ela não quer ir, ela solta o peso do corpo e você vai ter de arrastar. Porque ser humano é ser capaz de dizer “não”. Ser humano é ser capaz de recusar o que parece não ter alternativa, ser humano é ser capaz de dizer “não” ao que parece não ter saída. E só quem pode dizer “não” pode dizer “sim”. Há pessoas que dizem: “Ah, eu queria ser livre como um pássaro”. Pássaros não são livres, pássaros não podem não voar, pássaros não escolhem se vão voar ou não, nem para onde vão. Se quiser ser livre, tem de ser livre como um humano.

E isso, um dia, Paulo Freire quando escreveu “Educação como prática da liberdade”, estava pensando na nossa humanidade. O que nos caracteriza é a possibilidade da recusa ao óbvio, a recusa àquilo que parece fatal. E, deste ponto de vista, quando lembramos de Paulo Freire hoje, estamos lembrando desta idéia da incapacidade de desistir. Aliás, isso é tão marcante no nosso cotidiano, que o mês de maio, a noção de parto, de lidar com o cuidado e com a proteção é absolutamente presente nesta nossa relação. Se você olhar, domingo agora, numa penitenciária dessas que temos em São Paulo, está lá um sujeito há 20 anos, que cometeu latrocínio, e eu quero que fique lá todo o tempo que a lei permitir. Os amigos não vão mais visitá-lo, os filhos não vão fazer cinco anos, a ex-mulher não aparece, às vezes quem está lá de manhã, na fila de domingo? A mãe. Porque quem ama não desiste. Quando você começa a desistir de algo, está começando a deixar de amar. E se há uma coisa que Paulo Freire não fez foi ter desistido. Porque a noção de não-desistência é uma noção amorosa. E quando ele levantava a idéia de uma briga que vale a pena ser brigada, essa briga é pela não-desistência do futuro onde há dignidade coletiva, onde há possibilidade de felicidade, onde há possibilidade de liberdade a ser partilhada. É por isso que fazemos mutirão, é por isso que nos juntamos.

Debates em Educação

Paulo Freire era uma pessoa absolutamente humilde, jamais subserviente. Há uma diferença entre humildade e subserviência. Uma pessoa subserviente é aquela que se dobra a qualquer coisa. Paulo Freire era humilde. Ele sabia que não era o único que sabia. Ele sabia que não sabia do único modo que se pode saber. Ele sabia que o que ele sabia não era a única coisa a ser sabida. Por isso, que, na concepção de Paulo Freire, o diálogo não é um método, é um princípio ético. A relação dialógica na obra prática e teórica de Paulo Freire não é uma questão de método, é uma questão de princípio ético. É o diálogo como capacidade de respeito ao outro e o outro como fonte de vida, fonte de conhecimento, fonte de amorosidade. Vez ou outra, em algumas realidades, até se pega o trabalho de Freire e se puxa só a questão do método como diálogo. Aliás, se fala do diálogo freireano, vez ou outra inclusive, comparando o diálogo freireano com o diálogo socrático.

É claro que Sócrates é uma personagem fundamental na história do pensamento ocidental e da humanidade. Mas não se pode comparar o pensamento socrático no que se refere ao diálogo com o pensamento de Freire. Porque o diálogo freireano não é a mesma coisa que o diálogo socrático. O diálogo socrático tem um ponto de partida: a de que o mestre já sabe e o discípulo é mero discípulo. Portanto, ele é um néscio, que ainda não sabe. E saberá quando o mestre com ele falar. O diálogo freireano parte de outra perspectiva, de que ambos sabem e de que, no diálogo, há uma permuta, uma repartição desse conhecimento, que tem fonte recíproca.

Por isso, há uma diversidade no que se refere a esse pólo. Porque tirar de Paulo Freire apenas a dimensão dialógica e inseri-la apenas numa percepção de método de educação, como se fosse uma técnica de trabalho pedagógico, é restringir uma convicção ética forte. A noção de diálogo em Paulo Freire é parte da essência do mutirão. Isto é, as mãos juntas são fortes porque são juntas, não porque são mãos. E a “juntidade”, para usar uma expressão que ele usaria, dessas mãos é que dá a elas força.

Debates em Educação

Desse ponto de vista, nossa idéia de não conseguir com muita tranqüilidade dizer “Paulo Freire fez”, “Paulo Freire estava”, “Paulo Freire foi”, isto é, colocá-lo no passado, tem evidentemente a ver com a nossa incapacidade de achar que as idéias que ele fermentou, que ele disseminou, que ele semeou, que elas tenham já passado.

É necessário ter muita cautela e educação, porque educação é um território fácil para novidades. É preciso não confundir novo com novidade. Novidade é aquilo que vem, é passageiro, se coloca por um tempo, mas tem um nível de volatilidade muito grande e depois se vai. Educação tem muita novidade, que é algo da moda, algo episódico. Muito diferente disso, é aquilo que na história humana é novo. A diferença entre novo e novidade é que o novo vem, se instala, muda e permanece. O novo permanece porque ele mantém vitalidade. A novidade passa logo. O pensamento de Paulo Freire é novo, a música de Mozart é nova, a obra de Platão é nova, Catulo da Paixão Cearense é novo. Por quê? Porque o seu trabalho não perdeu vitalidade, não perdeu a irrigação, não perdeu a conexão com a vida e com o sangue que a vida partilha e emana. Desse ponto de vista, o pensamento de Paulo Freire é absolutamente atual, no sentido de guardar a sua forma de ser novo. Ele não é novidade. A novidade é passageira, é fluida, ela escorre. Ele permanece.

Eu tenho insistido em algumas conversas, as pessoas têm dialogado em torno disso, que nós precisamos também uma outra reflexão quando se pensa em Paulo Freire. Muita gente lê Paulo Freire no original, isto é, vai ler a “Pedagogia do oprimido”, a “Educação como prática da liberdade”, a “Pedagogia da autonomia”, a “Pedagogia da esperança” e diz: “Engraçado, isso é claro. É claro que é assim.” E acha Paulo Freire meio óbvio. Cuidado. É claro que nós achamos Paulo Freire meio óbvio quando a gente vai lê-lo. Afinal de contas, aquilo que a gente lê ali e que leu em outros lugares é aquilo que ele escreveu há 40 anos. E por ter escrito há 40 anos e ter disseminado por tantos lugares, nós já lemos isso em tantos autores, em tantos debates, em tantas lógicas que, quando você vai ao original, fala “mas eu sabia disso”. Sim, sabia, foi ele mesmo quem disse.

Debates em Educação

Por que estou insistindo nesse ponto? Porque, vez ou outra, algumas pessoas dizem: “Esse pensamento não tem mais atualidade, porque muitos e muitos já escreveram sobre isso”. Escreveram a partir dele, em função dele e referenciados exatamente naquela obra. Por isso, quando Paulo Freire produz algo que é novo, ele guarda algo que é típico dos clássicos. Claro que Paulo Freire é um clássico, no sentido de que ele não tem perda de irrigação de sua atualidade. A atualidade do pensamento freireano o mantém como um clássico. Clássico é aquilo que não deixou de ter atualidade. É interessante porque a palavra “atual” não significa apenas moderno, ela também significa, vindo do latim para o inglês, “verdadeiro”. Tanto que no inglês se usa o *actually*, no sentido de “verdadeiramente”, de “verazmente”. Paulo Freire se sustenta não só em nós, mas em sua própria obra. Porque, vez ou outra, temos uma tendência de dizer que Paulo Freire continua vivo no que nós fazemos. Mas ele continua vivo também nas obras que escreveu há 40 anos, há 35 anos, há 20 anos. Porque essas obras estão vivas. O manuscrito de “Pedagogia do oprimido” fará 40 anos agora neste ano. Será que é uma obra que perdeu atualidade? Ao contrário. E não estou dizendo isso apenas como louvor, porque se o fosse, Paulo Freire, humilde que era, diria: “Calma”. Mas eu estou dizendo isso como reconhecimento de algo que é absolutamente concreto.

Nesta direção, o pensamento freireano é novo, não é novidade. Ele é um clássico, sem ter se emoldurado num processo de engessamento. O pensamento de Freire continua animado. Paulo Freire nos anima. Quero lembrar as pessoas, se um dia virem isso mais de perto, que a palavra “animar” significa “encher de alma”, de “*anima*”, de “vida”. Animar é inspirar. Paulo Freire tem um pensamento altamente inspirador.

Há autores, pensadores, que não são necessariamente inspiradores. Uma parte deles é expiradora, ou seja, tira o fôlego. Não vou nem mencionar alguns, mas há de se imaginar aquele autor que, ao se aproximar dele, você antes de começar a leitura faz: ahnnn. Paulo Freire inspira. Paulo Freire foi Secretário de Educação do Município de São Paulo (1989/1991), eu fui secretário adjunto dele. Ele era meu chefe, aliás, era chefe de vários. Paulo Freire não era só um chefe, era um líder. Não se confunda líder

Debates em Educação

com chefe. Liderança não tem a ver com hierarquia. Liderança está ligada à atitude. Líder é aquele que inspira, motiva, anima pessoas, idéias e projetos. Liderança é uma virtude, não é um dom. Um dom é aquilo que nasce contigo, uma virtude é uma força intrínseca. Do ponto de vista filosófico, uma virtude é uma força intrínseca, algo a ser realizado ou, como diria Aristóteles, a ser atualizado. Desse ponto de vista, Paulo Freire era um líder. Líder não é aquele a quem você obedece, mas aquele que você respeita, admira e segue. Paulo Freire é uma liderança, não um mero chefe. Mas ele foi nosso chefe, mas, como chefe, não abria mão da responsabilidade dele na hierarquia. Mas ele não deixava jamais de ser líder.

Qual é a diferença entre o líder e o chefe? O chefe você teme e obedece. Quando esse chefe é um líder, você admira e respeita. Paulo Freire era um líder tão grande, que, até quando ele me chamava à sala dele para me dar uma bronca – sempre amorosa, mas dava – eu ia animado. Eu ia sair de lá chateado, mas saía animado também, porque eu sabia que ia sair de lá melhor. Porque Paulo Freire tinha a grande capacidade de corrigir sem ofender. Orientar sem humilhar. Portanto, eu sabia que ia sair melhor de lá, mesmo que eu tivesse sido admoestado por ele, por quaisquer das razões que se têm numa convivência de trabalho executivo. Eu ia para a sala dele animado mesmo que ele dissesse “isso não pode, isso não deve ser feito” etc. Por quê? Inspiração.

Aliás, essa capacidade dele é tão permanente, que continuamos produzindo trabalho, fazendo tese, orientando, tendo as cátedras. Há quantos e quantas Paulo Freire impregnou? E eu quero usar a palavra com o som italiano “emprenhou”. Quantos homens e mulheres Paulo Freire engravidou com o Inédito Viável como sendo o nosso sonho – mas o sonho da possibilidade, não do delírio? Isso é que dá vivacidade, que o torna um clássico, que o torna atual, que o torna presente.

A capacidade de fazer com que a gente tenha nele uma liderança pedagógica, política, espiritual. Um homem que tinha as mãos com uma capacidade muito grande de fala. Ele tinha um hábito, eu mesmo não sei fazê-lo, de quando falava, ele segurava nas pessoas. E punha a mão no ombro e ficava segurando enquanto falava. Eu não tenho essa capacidade, acho que a outra pessoa pode reagir. Eu não gosto tanto de

Debates em Educação

contato humano, ele gostava. Ele punha a mão e ficava, e esta forma de ficar era uma forma atenciosa.

Eu vi dezenas de vezes Paulo Freire fazer uma coisa difícilíssima: quem tinha uma atividade como ele, ou que é um ídolo como ele, não só um líder, em todo o lugar que ia, era cercado por pessoas. E todo mundo, quando cerca alguém dessa natureza, tem a sua história para contar e se considera, com toda a razão, a pessoa mais importante naquele momento. Para que a outra pessoa dê a atenção, para fazer o autógrafo, para ouvir o que ela está dizendo. E Paulo Freire tinha uma capacidade inacreditável de respeito ético. Ele punha a mão no ombro e ficava ouvindo. Porque é muito comum você estar no meio de pessoas, elas estarem falando e você responder apenas gentilmente: “Ah, legal. Obrigado”. Ele parava e ouvia. E o que a pessoa dizia tinha muita importância para ele.

Portanto, ele não era alguém que apenas falava e escrevia em relação ao diálogo. Ele vivia de forma dialógica, e esse viver de forma dialógica é uma coisa tão impactante que, certa vez, eu li uma frase de que gosto muito e até agreguei isso em alguns pensamentos. Um pensador do século VIII, chamado São Beda, um santo dos católicos, britânico, um grande especialista em métodos de historiografia medieval, tem uma frase de que eu gosto demais: “Há três caminhos para o fracasso: primeiro, não ensinar o que se sabe, segundo, não praticar o que se ensina e, terceiro, não perguntar o que se ignora”. É preciso inverter: três são os caminhos para o sucesso: ensinar o que se sabe, praticar o que se ensina e perguntar o que se ignora. Paulo Freire tinha essa tríplice capacidade.

A humildade freireana vem inclusive de uma coisa: *paulus*, em latim, significa “pequeno”. E Paulo nunca encarnou o que seria a origem do seu nome, mas Paulo Freire se sabia pequeno para poder crescer. E fazia uma coisa magnífica: para crescer, ele não precisava baixar as outras pessoas. Porque há pessoas que só conseguem se elevar quando diminuem o outro. E Paulo Freire conseguia crescer com o outro, em vez de baixar o outro. E ele se sabia pequeno para não crescer artificialmente.

Debates em Educação

O saber-se pequeno em nenhum momento significou falsa modéstia. Se há uma coisa que ele nunca admitia é que a gente dissesse a ele “o seu trabalho está ótimo” e ele dissesse: “Obrigado, bondade sua”, porque essa é uma forma cínica de relação. Ele dizia: “Que bom, eu gostei mesmo de fazê-lo”. Ele tinha orgulho da própria obra, não tinha soberba.

Ele sabia a importância dele, não era tolo. Existe aquele que, como ele, passou a vida pelo mundo afora escrevendo, impregnando, partilhando, esperançando. É lógico que ele sabia. Ele era homenageado em eventos, recebeu dezenas de títulos honoris causa. Não dava para ele ter desconhecimento da importância dele na História. Seria uma contraprova à inteligência dele. Mas jamais eu presenciei uma atitude que fosse arrogante. Presenciamos, claro, atitudes de firmeza, como chefe. Como secretário ele era implacável, no sentido de que não admitia negligência, nem desesperança, nem desânimo. E partilhava as coisas conosco o tempo todo. Como orientador, ele sempre foi amoroso. E essa amorosidade significava me corrigir sem me humilhar..

Paulo Freire, como amigo, era capaz de adorar piadas. Nós nos juntávamos sempre nos finais de semana, quando se podia, e contávamos piadas e ele ria bastante. Paulo Freire sabia que ser sério não é sinal de ser triste. Seriedade não é sinônimo de tristeza. Tristeza é sinônimo de problema, não de seriedade. O contrário de seriedade é descompromisso. O contrário de seriedade não é alegria. Alegria é o contrário de tristeza e Paulo Freire era um homem alegre, capaz de, entre outras coisas, ter vitalidade suficiente para que a alegria não descambasse, isto é, não beirasse o descompromisso. Mas gostava de rir, de pensar conosco e de dizer que a gente não poderia desistir.

Paulo Freire não desanimava, isto é, não perdia a alma. Aliás, ele conhecia bem a possibilidade de as pessoas desanimarem, porque o que ele fez em boa parte de sua existência foi sair pelo mundo afora animando, dando alma, dando *anima*, dando vitalidade. Impedindo que se caísse numa coisa perigosa, que é achar que as coisas não têm alternativas. De novo: ser humano é ser capaz de dizer “não” ao que parece não ter alternativa. Ser humano é ser capaz de recusar o que parece não ter saída. Não

Debates em Educação

é casual que nós sejamos capazes de dizer “não”, se achássemos que as coisas são como são, nós não teríamos todo o trabalho que se faz em educação.

O trabalho que se faz hoje em educação, especialmente nas redes públicas de ensino, que são majoritárias, é um trabalho que, em princípio, seria desanimador. A dificuldade do trabalho, as condições salariais, a dificuldade de lidar com alunos que a gente não conhece tão bem, que mudaram muito rapidamente, políticas públicas que se sucedem e que nem sempre são compromissadas com o coletivo, haveria lugar para o desânimo. Por que não há? Nós estamos atrás de quê? Estamos atrás de algo que Paulo Freire trouxe com força, e isso é clássico, é novo, é atual: a possibilidade do inédito viável. Isto é, o outro modo como ele usava a palavra “utopia”.

Aliás, vale lembrar àqueles que um dia leram “A Utopia”, de Thomas Morus, que Morus era conhecedor de algumas formas do grego. E quando escreveu “A Utopia”, não por acaso usou o prefixo *ou* para o radical *topus*, em vez de *a*. Porque “atopia” seria “não-lugar”, mas em “utopia” o *u* é utilizado na Grécia Antiga como negação de tempo também. Portanto a palavra “utopia” tem um sentido muito próprio em Thomas Morus, o sentido de “ainda não”, em vez de “lugar nenhum”. E quando Paulo Freire fala em utopia, ele evidentemente está falando nesse inédito viável. Que é inédito porque ainda não o temos, mas é viável porque Paulo Freire está presente e nós estamos presentes. Esta nossa presença torna Paulo Freire vivo.

Será que essa presença viva é uma presença que honra Paulo Freire? Será que estamos honrando Paulo Freire, isto é, estamos sendo justos em relação ao legado e à memória dele? Será que o trabalho que fazemos no dia-a-dia, com as suas obras e a partir delas, é um trabalho que dignifica o trabalho de Paulo Freire?

Algumas pessoas se aproveitam do legado de Paulo Freire, em vários lugares, não só no Brasil, mas também aqui. Se aproveitam muitas vezes para falar em nome dele, outras vezes para falar como se pudessem dar seqüência a algo que não é uma propriedade exclusiva. Há outras pessoas que fazem um trabalho muito sério em relação ao legado de Paulo Freire. E há pessoas que são humildes o suficiente para

Debates em Educação

saber que não são a seqüência de Paulo Freire, mas são, isso sim, mandatárias de um legado a ser partilhado pela Humanidade.

Há universidades pelo País afora que nunca assimilaram a obra de Paulo Freire. Em algumas delas ele não teve ainda o título de doutor honoris causa, mesmo que o seja após a morte do corpo. Isso significa que Paulo Freire continua com a sua característica mais especial: a capacidade de ser controverso, isto é, de não servir a todos os senhores ao mesmo tempo. Paulo Freire não é, ainda bem, uma unanimidade. Tem gente que não gosta dele. Aliás, todas as vezes que você faz alguma coisa e todos e todas acham completo, perfeito, concreto, acabado é sinal de que você não atingiu o que desejava. Numa sociedade de classes, numa sociedade de diferenças, numa sociedade de injustiças, se Paulo Freire fosse uma unanimidade, haveria alguma coisa muito estranha. Porque o trabalho de Paulo Freire é um trabalho compromissado com as vítimas. E não é sempre que se pode supor que, além da vítima, o vitimador também se perceba contemplado na obra de Paulo Freire.

Por isso, não se espante se você ou eu caminhando encontrarmos pessoas que não apreciam Paulo Freire. Aliás, isso é um sinal da qualidade também da obra que ele tem. É preciso lembrar que uma das avaliações que se faz do trabalho que se tem é o número de adversários que você encontra. Os adversários também qualificam aquilo que se faz. Por isso, a presença viva de Paulo Freire, nessa ausência que a gente recusa e nessa presença que a gente traz aqui é também uma presença controversa, porque nos cabe honrar a obra freireana. E a melhor maneira de honrá-la é levá-la adiante com a atualidade que ela carrega.

E se eu perguntasse, como certa vez perguntei, ele, Paulo Freire, responderia o que respondeu: ele diria que fazer como Paulo Freire não é fazer como Paulo Freire fez, é fazer o que ele faria se estivesse no nosso lugar. Essa é atualidade. Seria estranho supor que honrar Paulo Freire seria fazer exatamente como ele fez, porque ele fez num outro contexto, numa outra circunstância. Fazer como Paulo Freire não é fazer o que ele fez, mas fazer o que ele faria se estivesse no nosso lugar.

Debates em Educação

Paulo Freire seria capaz de estar conosco hoje neste mutirão. As mãos de Paulo Freire sempre faziam parte de um mutirão. Há dezenas de fotos, inclusive, nas capas de livros, com este gesto de segurar as mãos, estas mãos que se juntam são de fato nós.

E esta forma de mutirão é a nossa crença na possibilidade de, vivo Paulo Freire estando, nós continuarmos vivos e vivas com ele.

E esta ausência é preenchida pela nossa presença.